



Cinemateca Júnior

Filmes para Ver em Casa

Curta-metragem para maiores de 6 anos

O SAPO E A RAPARIGA (2018)

Um filme de Inês Oliveira

Vê o filme [AQUI](#)

Realização e argumento: Inês Oliveira / *Intérpretes:* Isabel Ruth, Rita Cabaço, Francisco Nascimento, Fernanda Fernandes / *Direção de fotografia:* Paulo Menezes / *Direção de som:* António Pedro Figueiredo (cópi) / *Montagem:* Rui Mourão / *Produção:* Joana Ferreira e Isabel Machado (Produtora C.R.I.M.) / *Duração:* 18 min / *Estreia Mundial:* 27 de abril de 2018, IndieLisboa.



“No conto tradicional que deu origem a este filme, a rapariga não é uma princesa nem tão pouco beija um sapo. A rapariga é uma lavadeira, trabalhadora e honesta, porém não parece preocupar-se em cumprir as promessas que faz... No filme, a ação passa-se nos dias de hoje. Pelo menos no início. A lavandaria automática está fechada e a nossa rapariga vai entrar num lavadouro público (sabem o que é um lavadouro? A rapariga não sabia), no bairro da Madragoa, em plena Lisboa. Um lugar mágico onde se lava à mão e onde a única máquina que existe ali, é a máquina do tempo...”

(sinopse de Inês Oliveira)

Inês Oliveira nasceu em Lisboa, onde estudou Artes Plásticas e Cinema. Realizou o seu primeiro filme, uma curta-metragem, em 2003, e depois vários outros, incluindo duas longas-metragens. O SAPO E A RAPARIGA é o seu último filme, e é também o primeiro episódio de uma série infantojuvenil da sua autoria, na qual vários realizadores adaptam para cinema contos tradicionais portugueses. Inês Oliveira escreveu o seguinte texto, muito bonito e que explica muito bem a forma como surgiu este filme:

“O conto homónimo em que este filme se inspira assenta na importância do valor da palavra dada. A velha máxima “não prometas o que não tencionas cumprir” é aqui levada ao limite: uma rapariga promete, em vão, casar com um sapo, ao qual pede um pequeno favor. Nessa mesma noite, o sapo, agora transformado num homem, vem cobrar a sua promessa. Na adaptação que fiz para o filme, esta mesma história é contada por uma lavadeira, Deolinda, interpretada pela atriz Isabel Ruth. Lavadeira ou feiticeira? No reflexo invertido no “seu” tanque, Deolinda conta esta história a uma jovem rapariga (Rita Cabaço) que tem por hábito lavar a roupa na lavandaria automática. As máquinas da lavandaria falharam e a rapariga, levada pela pressa de ter a roupa pronta, é convencida a meter as mãos na água... essa “experiência” leva-a a outra máquina - a máquina do tempo, alimentada pela energia da imaginação.

Resolvi localizar a ação do filme num bairro popular de Lisboa, a Madragoa, onde – ainda, e por quanto tempo? – existe um extraordinário lavadouro público, ainda ativo, o Lavadouro das Francesinhas. É um lugar único, esculpido pelos gestos do árduo trabalho que foi, durante décadas, a lavagem manual de roupa à escala industrial. As lavadeiras de Lisboa foram figuras icónicas da cidade de Lisboa; mulheres com fama de serem afoitas, independentes e desbragadas. Lavavam a roupa suja tanto literalmente como simbolicamente: o que tinham a dizer, diziam. Daí que a rapariga do conto, sendo uma lavadeira, não valorize a palavra dada...”

E assim vemos como num filme se podem muito bem misturar um conto tradicional com uma ação que se passa hoje, e histórias inventadas com memórias reais do passado, de uma pessoa e de uma cidade... Não concordas?

SUGESTÃO

Sabias que num passado relativamente recente não havia máquinas de lavar e a roupa era lavada à mão por cada um, ou por lavadeiras que viviam desse trabalho? E conheces o Lavadouro das Francesinhas ou algum outro lavadouro público? Existem, em Lisboa e mesmo nas aldeias pequenas, e muitas pessoas continuam a utilizá-los, tanto para lavar a roupa como para conviver. Da próxima vez que passares por um, tenta visitá-lo.

AGRADECIMENTOS

A Cinemateca agradece aos realizadores Inês Oliveira e à produtora C.R.I.M. pela disponibilização graciosa do filme e restantes materiais.